

# Biblioteca leva os livros ao domicílio dos invisuais

## que pedirem

Deolinda Matos, responsável pelas bibliotecas municipais, considera importante «o direito à leitura dos invisuais».

A pessoa cega tem a mesma capacidade de trabalho e leitura que as normais. Só é necessário dar-se-lhes as mesmas condições

Texto: Alfredo Miranda Fotos: Carlos Lopes

«TODOS os invisuais têm direito à leitura e a consultarem os livros de que necessitem.»

Esta a principal divisa da Biblioteca Municipal Camões, situada no Largo do Calhariz, 127, 1.ª-Esq., em Lisboa. Tem por objectivo colocar o livro ao «serviço dos cegos», desmistificando conceitos «erróneos sobre as reais capacidades dos cegos para a leitura».

Com cerca de 6500 volumes em «braille», representando perto de 2 mil títulos, este serviço da Biblioteca Camões tem um «esquema» inédito em Portugal: envia os livros, encomendados telefonicamente, ao domicílio dos utentes, evitando ao invisual a «maçada» de se deslocar ao Calhariz para consultar uma obra.

Fundada a partir de uma doação, em 1963, da Embaixada do Brasil (quatro dezenas de publicações

em «braille») foi a primeira biblioteca pública para cegos criada em Portugal — revelaram a O SÉCULO Deolinda Matos, responsável pelo serviço das bibliotecas municipais, e Augusto Deodato Guerreiro, encarregue da Biblioteca Camões.

«O cego não vem à biblioteca e como os livros em braille são incómodos devido ao seu tamanho, enviamos as obras a casa dos invisuais. Eles pedem o livro telefonicamente; um estafeta leva-o a casa. Somos a única biblioteca a fazer isso. No fundo, este serviço enquadra-se no espírito que norteou a fundação da biblioteca: permitir o acesso à cultura das pessoas cegas» — acrescenta Augusto Deodato Guerreiro.

### Integração cultural

Aberta a todos os invisuais do País a biblioteca tem também o objectivo

de «integração cultural dos cegos na sociedade portuguesa» — refere Augusto Deodato — que, por ser invisual, entende o «fosso» cultural a que é obrigado o cego com dificuldades no acesso a livros em braille.

«As pessoas cegas têm a possibilidade de ter a mesma capacidade que as pessoas normais, desde que lhes deem os meios» — afirma. Acrescenta: «Se tivéssemos todos os títulos em braille que existem no mercado e se os livros para cegos não fossem tão caros e volumosos, o abismo cultural já não existia.»

De facto, torna-se impossível um invisual criar uma biblioteca. Um livro em «braille», além de custar o dobro de um a «preto e branco» é três vezes mais volumoso.

Um simples livro de boiço traduzido para «braille» significa, por exemplo, seis volumes, cada um

com cerca de cem páginas.

Em Portugal, só existe uma empresa a fazer estes livros.

Por estas razões, tanto a Biblioteca Camões, como outras existentes no País, desenvolvem papel «primordial na educação dos seus utilizadores», ao pôr-lhes à disposição uma série de títulos, quer em braille quer em fita grava-

da» — sublinha Deodato Guerreiro.

### Autores gravam obras

Utilizada essencialmente por estudantes, a biblioteca tem ainda um serviço de gravação em fita de livros que vão aparecendo no mercado.

Conforme revela Deolinda Matos e Augusto Deodato, alguns autores por-

tugueses, como Baptista-Bastos e David Mourão-Ferreira, já se dispuseram a realizar a gravação das suas obras. «Eles, melhor que ninguém sabem dar a entoação necessária para que um invisual compreenda a obra» — referem.

A gravação de uma obra é complicada. O relator tem que ler as aspas, os sublinhados, as vírgulas,

as exclamações, enfim, todos os pormenores da gramática portuguesa — que são muitos» — diz Augusto Deodato.

Para facilitar a vida aos utentes, os invisuais podem dirigir-se à biblioteca e entregarem uma fita. Os serviços encarregam-se de fazer a gravação.

Com uma diversidade de títulos que vão da literatura portuguesa, francesa e brasileira, livros de estudo ou de consulta, às histórias infantis, a Biblioteca Camões serviu, durante 1986, cerca de 613 leitores, que pediram 968 títulos, o que representa 3660 volumes.

### Estimular a leitura

Preocupados com as crianças, os responsáveis por esta biblioteca inviagar consideram necessário «estimular nas crianças invisuais o gosto pela leitura».

No entanto, isso exige tornar os livros em «braille» mais «agradáveis». Com o evoluir da técnica de estenografia pode reduzir-se em cerca de 25 por cento, o espaço ocupado pelos livros em «braille».

Com certa ironia, Augusto Deodato afirma: que tem uma vantagem sobre as outras pessoas, «posso ler completamente às escuras». No entanto, tem uma desvantagem: «Gosto de ler antes de adormecer, mas isso implica uma grande ginástica dado o volume e peso do livro.

### Renovar títulos é difícil

Uma das grandes dificuldades é conseguir uma boa diversidade de títulos. «Estamos limitados, como as outras instituições. Os títulos que temos são poucos. Neste momento, em colaboração com organismos particulares e estatais, estamos a traduzir várias obras.

A falta de recursos humanos especializados e a exiguidade de espaço são ainda problemas que afectam a Biblioteca Camões.

«Há algumas falhas, mas já houve mais. Estamos apostados em resolvê-las» — acentuou.

### Primeira pública em Portugal

Desde que os caracteres «braille» revolucionaram a vida cultural dos cegos, inúmeras bibliotecas para invisuais foram criadas um pouco por todo o mundo.

Em Portugal, as primeiras começaram a formar-se no princípio do século, em escolas para cegos.

A Câmara Municipal de Lisboa foi o primeiro organismo a criar uma biblioteca para cegos, em 1963, a partir de uma doação da Embaixada do Brasil. No Jardim da Estrela, surge assim a primeira biblioteca pública para invisuais que, em 1981, veio a originar a Biblioteca Camões. □

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31

Cultura - Biblioteca